

CEDI - P. W. B.  
DATA 30, 05 86  
COD. GP 001

ROBERTO DA MATTA

To Sanae with best wishes, from

Roberto

Nov. 1967

NOTAS SÔBRE O CONTATO E A EXTINÇÃO DOS ÍNDIOS  
GAVIÕES DO MÉDIO RIO TOCANTINS

Separata da  
"REVISTA DO MUSEU PAULISTA"  
Nova Série — Volume XIV

## NOTAS SOBRE O CONTATO E A EXTINÇÃO DOS ÍNDIOS GAVIÕES DO MÉDIO RIO TOCANTINS (\*)

por

ROBERTO DA MATTA

### Introdução

O propósito desta comunicação é estudar o processo de extinção de um grupo Jê-Timbira, conhecido pelo nome de Gaviões, em consequência dos contatos sistemáticos mantidos entre estes índios e os núcleos regionais, notadamente Marabá e Itupiranga, municípios do sul do Estado do Pará (1).

Dividimos este trabalho em duas partes, cada qual correspondente a um período do contato entre a população indígena e a brasileira. Na primeira, descreveremos e analisaremos como os regionais caracterizaram o comportamento dos índios Gaviões nos primeiros contatos ocorridos na área

(\*) Este trabalho resulta de uma pesquisa dirigida pelo Prof. Roberto Cardoso de Oliveira, realizada na sua primeira etapa (agosto a dezembro de 1961) sob os auspícios da Divisão de Antropologia do Museu Nacional. Na segunda fase de campo, em dezembro de 1962, contamos com o auxílio do Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais e do Conselho de Pesquisa da Universidade do Brasil. Devemos ao Prof. Roberto Cardoso de Oliveira as críticas e sugestões feitas às primeiras versões deste trabalho, bem como a sua orientação no preparo do projeto de pesquisa. Aos colegas da Divisão de Antropologia, Roque Laraia, Edson Diniz e Julio Cezar Melatti, agradecemos as estimulantes discussões e críticas feitas a esta comunicação. A Julio Cezar Melatti, nosso companheiro na primeira etapa de campo, somos gratos pelas notas e diários de campo que colocou à nossa disposição.

(1) Os índios Gaviões são os últimos Jê-Timbira a serem visitados por um etnólogo. Atualmente este grupo está reduzido a dois aldeamentos. Um situado nas nascentes do rio Praia Alta, afluente da margem direita do rio Tocantins, a oeste de Itupiranga. O outro vem sendo assistido pelo S.P.I., no P.I. "Montanha", próximo de Tucuruí, subindo o Tocantins. Os dados a serem apresentados nesta comunicação foram colhidos durante as nossas estadas com o grupo de Itupiranga.

do médio Tocantins. Nosso objetivo nesta parte será a busca dos mecanismos que permitiram a população brasileira envolver o grupo tribal. Em outras palavras, tentaremos revelar o significado ideológico das representações do índio Gavião, tomando como base para a sua explicação a situação sócio-econômica da frente extrativista que se fixou no Tocantins. Na segunda parte desta comunicação, procuraremos explorar quais as reações do grupo tribal nas fases posteriores à pacificação, quando os índios se colocaram diante das necessidades criadas pelo contato.

Durante todo o trabalho, guiaremos a análise pelo prisma das tensões interétnicas, uma vez que elas são resultantes da situação ambivalente com que cada uma destas sociedades se coloca em relação à outra. Focalizaremos, assim, as duas sociedades em conjunção como um sistema intercultural único, onde as duas populações se acham "dialéticamente 'unificadas' através de interesses diametralmente opostos" (2).

### O Caráter da Frente de Expansão e os Gaviões

A análise crítica dos materiais históricos disponíveis revela que a frente extrativa responsável pelos contatos sistemáticos que hoje mantém com os Gaviões teve suas origens na frente pastoril que avançou pelos sertões nordestinos, tal como nos indica Nimuendajú (3). Foi o avanço desta frente responsável pelo extermínio e desalojamento dos grupos Jê-Timbira do interior maranhense (dos quais provavelmente faziam parte os Gaviões) e também pela intensificação do uso do rio Tocantins como via de transporte (4).

No período que vai do século XVII até o século XIX não havia ainda motivação econômica para se penetrar a fundo nas matas que margeiam o médio Tocantins. Assim, quase todos os viajantes que registraram a sua passagem pelo rio, limitam-se a indicar que a margem direita era reduto dos índios Gaviões. E é através de seus textos que estes Jê-Tim-

(2) Cf. Roberto Cardoso de Oliveira, "Estudos de Áreas de Fricção Interétnica no Brasil", in *América Indígena*, ano V — n.º 3, julho-setembro de 1962, Rio de Janeiro, pp. 85-90. O trecho citado foi extraído das págs. 85-86. Como se pode verificar no decorrer da leitura deste trabalho, procuramos adotar o ponto de vista geral exposto no citado projeto de pesquisa.

(3) Cf. Nimuendajú, Curt., *The Eastern Timbira*, University of California Press, 1946:2.

(4) Para uma análise detalhada do avanço desta frente pastoril pelos sertões nordestinos, veja-se Carlos A. Moreira Neto: *A Cultura Pastoril de Páu d'Arco*, Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, n.º 10, março de 1960.

biras entram na história regional com o nome pelo qual até hoje são conhecidos. Realmente, os depoimentos de Castelnau (1844), de Ayres Carneiro (1849), de Gomes Vicente (1858) e de Coudreau (1897) <sup>(5)</sup> são unânimes em revelar que os Gaviões eram pouco conhecidos e, de todos eles, apenas o de Coudreau diz algo a respeito de contatos efetivos com o grupo tribal.

Estes depoimentos, porém, são de grande relevância para o entendimento da situação que pretendemos estudar. Em primeiro lugar porque, ao lado deste quase total desconhecimento dos índios Gaviões, a crônica os apresenta cuidadosamente como "cruéis", "arredios", "assassinos" e "selvagens", fonte de terror entre os regionais. Depois porque é através de sua leitura que podemos reconstruir a situação destas frentes em relação aos recursos sócio-econômicos de que dispunham para a sua fixação na região. Compulsando este material, a reconstrução que se pode fazer do médio Tocantins na época dos primeiros contatos com os Gaviões, é que toda a região sofria de uma estagnação econômica.

Assim, do ponto de vista da ocupação do médio Tocantins, verificamos que esta fase corresponde aos impulsos de uma economia multifacetada, composta basicamente pela atividade pastoril — se bem que limitada à periferia da frente — e do pequeno comércio entre os sertões de Goiás e Maranhão e Belém do Pará no litoral. É este tipo de ocupação realizado por uma população rarefeita, que vai explicar parcialmente porque o índio Gavião surgia para estes núcleos ribeirinhos como perigoso, assassino e selvagem. Vivendo em lugares extremamente frágeis e dentro de um *habitat* que exigia grande esforço para a sua sobrevivência, era natural que estes primeiros ocupantes das margens do médio Tocantins temessem quaisquer contatos com os Gaviões e vissem no índio um poderoso inimigo com o qual a melhor política era afastar-se de seus territórios.

O surgimento do índio Gavião como assassino e selvagem na história regional, porém, não pode ser inteiramente explicado pela insegurança das populações pioneiras. Primei-

(5) Estes trabalhos são os seguintes: Castelnau, Francis de: *Expédition dans les Parties Centrales de L'Amérique du Sud*, de Rio de Janeiro a Lima et de Lima au Para. Histoire du Voyage. Paris, 6 tomos, 1844, vol. 2:il. Ayres Carneiro: "Itinerário da Viagem da Expedição Exploradora e Colonizadora ao Tocantins em 1849", in *Anuário da Bibliotheca e Arquivo Publico do Pará*, VII. Pará pp. 5-197. Gomes Vicente: "Itinerário da cidade da Palma, em Goyaz, à cidade de Belém do Pará", pelo rio Tocantins e Breve Notícia do Norte da Provincia de Goyaz, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, XXV, Rio, 1862, pp. 485-513. Coudreau, Henri: *Voyage au Tocantins-Araguaya*, 31 décembre 1896 — 23 mai 1897. A. Lahure, Paris, 1897.

ro porque o índio Gavião não foi considerado um inimigo ao qual se pode atribuir alguma dignidade mesmo na guerra. De fato, o que ocorreu com ele foi que as suas ações de defesa dos territórios tribais, atos adequados em termos da situação de contato e do sistema social aborígene, foram interpretados pelos regionais como ilegítimos e enquanto tal, susceptíveis de serem classificados como crimes. A segunda explicação liga-se ao que acabamos de salientar. A deformação do papel de guerreiro (Pemb) <sup>(6)</sup>, desempenhado pelos Gaviões, permitiu às populações regionais alicerçarem nela a estereotípia destes índios, usando-a como justificativa para a sua eventual eliminação nas etapas posteriores ao contato, quando a conquista de suas matas era algo imperioso pelas imposições do sistema econômico formado na região.

Acreditamos que foi a preocupação das populações pioneiras nestas ações de guerra dos Gaviões a responsável pela base das opiniões estereotipadas que até hoje elas são capazes de emitir. Deste modo, enquanto a base da estereotípia do índio Apinayé é a "sujeira" e dos Krahó a "preguiça", a selvageria e a crueldade servem aos regionais como atributos capazes de sintetizar a conduta dos Gaviões.

Com o estabelecimento de um sistema extrativo no médio Tocantins, primeiro com a exploração da borracha, depois com a produção da castanha do Pará, os índios Gaviões deixaram de ser considerados inimigos a distância, cujos territórios deveriam ser evitados à custa de algumas mortes. Passaram a ser conhecidos pela população regional e, mais que isso, encarados como obstáculos ao desenvolvimento da região. Nesta fase de formação do sistema altamente integrado que constitui hoje a economia do médio Tocantins, temos poucos depoimentos sobre a situação Gaviões-Sociedade Regional. Entretanto, o relato de Buscalioni (1901) e de Rodrigues (1943) <sup>(7)</sup> são valiosos, na medida em que esclare-

(6) Do ponto de vista da legitimidade ou não das ações de guerra praticadas contra os regionais, é significativo apontar que os Gaviões (como todos os Timbira) dispõem de rituais mágico-religiosos realizados todas as vezes que terminavam as suas incursões guerreiras. Deste modo, fica bastante claro que o índio Gavião jamais atacava acampamentos pioneiros no intuito da simples rapinagem. Os atos de guerra por eles praticados eram altamente institucionalizados através de rituais que legitimavam suas ações no plano jurídico de sua sociedade e que lhes trazia, por certo, segurança no plano mágico-religioso. São estes rituais que foram apontados por Lowie como uma das características comuns a todos os grupos Timbira. Cf. Robert H. Lowie, "A Note on the Northern Gê Tribes of Brazil", in *American Anthropologist*, vol. XLIII, 1941, pp. 188-196.

(7) Cf. Rodrigues, Lysias: *Roteiro do Tocantins*, Livraria José Olímpio Ed., Rio, 1943. Também Buscalioni, Luigi: *Una Excursione Botanica nell'Amazzonia*, Presso la Società Geografica Italiana, Roma, 1901.

cem o estado de alguns núcleos ribeirinhos, bem como os contatos estabelecidos entre índios Gaviões e brancos que os habitavam. Ambos os viajantes apontam relações pacíficas e sistemáticas entre Gaviões e nacionais. Por outro lado, êstes depoimentos indicam claramente que os índios Gaviões eram temidos pelos regionais. Assim, Buscalioni relata que as relações entre um brasileiro dono de uma fazenda no Tocantins e os índios eram altamente contidas por parte dos brasileiros que procuravam apenas cativar a confiança dos Gaviões. Podemos dizer que esta tentativa corresponde à primeira investida dos regionais sôbre o índio visto ainda como perigoso selvagem, mas já sendo atraído pelos nacionais e neutralizado nas suas reações à ocupação de suas florestas.

O depoimento de Rodrigues, entretanto, nos aponta mais claramente que ainda era cedo para ocupar inteiramente os territórios tribais. De fato, a história do médio Tocantins nos períodos posteriores, está a indicar que esta coexistência entre índios e brancos deve ter-se limitado apenas àquelas tentativas. No relato de Rodrigues, o índio Gavião é melhor caracterizado como um obstáculo que a capacidade indiscutível de um fazendeiro soube neutralizar pelo contato em seu próprio benefício. Por isso o texto não deixa dúvidas quanto aos objetivos daquela conjunção, que visava sobretudo a busca de castanhais nas matas do interior e delas expulsar os Gaviões.

Com relação à frente de expansão, êstes dois depoimentos, especialmente o segundo, permitem-nos dizer alguma coisa a respeito do sistema extrativo que hoje funciona no médio Tocantins tendo como centro Marabá e de como êle engendrou uma situação de fricção interétnica que só teria o seu término nos nossos dias com a extinção dos Gaviões. De fato, em 1931 já estava montado o sistema de extração de castanha que viria envolver os índios. Nesta década já surgiam no Tocantins as primeiras disputas de terras entre fazendeiros e comerciantes "sírios" de Marabá, responsáveis pela exploração dos territórios indígenas e de terras marginais do rio por uma associação específica: o fazendeiro fornecendo a terra e o comerciante o capital destinado a aliciar força de trabalho e mercadorias para a sua exploração.

Na medida em que êste sistema se estrutura, a necessidade de "pacificar", "catequizar" e "civilizar" os Gaviões era algo que não podia mais ser protelado. Foi sofrendo as imposições desta conjuntura que dois prefeitos de Marabá falaram com certa ênfase na necessidade imediata de neutrali-

zar os índios. O primeiro (1931) ainda se escudando numa suposta catequização. O segundo (1953), porém fundando-se mais realisticamente no fato de que os Gaviões constituíam-se num obstáculo tão poderoso que, se continuassem atacando os castanhais, poderiam provocar um "colapso" no sistema extrativo da região (8); a sugestão aqui era a de simplesmente suprimi-los.

Vemos assim, que o índio Gavião recebeu os atributos de selvagem, cruel e assassino, na medida em que a sua presença na área era marcada por atos puramente defensivos de seus territórios e também que a transformação do papel de guerreiro por êle desempenhado, corresponde a duas fases da ocupação da área do médio Tocantins: a primeira quando as populações regionais evitavam os índios sabedoras que eram de sua capacidade de reação violenta. A segunda destas fases marca o momento em que a extração dos produtos vegetais provoca o surgimento de um outro sistema econômico. Êsse sistema resultou numa altíssima integração dos núcleos regionais (transporte de castanha, pontos de abastecimento e escoamento do produto), e também em agências de financiamento de exploração das matas, e uma classe de proprietários de terras e capitais. O medo ao índio passou a não ser mais suficiente para manter afastados os regionais. Fortaleceu-se, em consequência, a visão do índio Gavião como um obstáculo a ser eliminado a todo o custo.

### Consequências da Pacificação

Sem dúvida a fase mais significativa para o entendimento das limitações impostas pela população regional aos Gaviões, foi a partir da pacificação, quando a total dependência indígena dos núcleos urbanos da região (Marabá e Itupiranga) criou as condições para a extinção do grupo tribal.

Acreditamos que a análise histórica da ocupação do médio Tocantins tenha fornecido indicações suficientemente claras para a determinação dos objetivos da pacificação dos Gaviões. Vimos que ela teve como alvo a conquista dos territórios ocupados pelos índios, uma vez que nêles existiam castanhais, fonte de riqueza que animava tôda a economia regional. É esta busca de novos castanhais para exploração que nos vai explicar dois pontos fundamentais para a compreensão da situação atual dos Gaviões. Em primeiro lugar,

(8) Entrevista do Prefeito de Marabá na "Folha do Norte", 29 de outubro de 1953.



esses objetivos nos mostram que a pacificação só teria sentido para os regionais, com a usurpação posterior das terras ocupadas pelos índios. Em segundo lugar, eles nos revelam que foi a manipulação de uma estereotipia criada secularmente pelos contatos entre brancos e índios, a principal responsável pela mobilização e antagonismo das populações regionais diante dos indígenas, bem como pelas justificativas do estado de miséria em que os Gaviões foram colocados nos períodos subseqüentes ao contato pacífico com os brasileiros.

São esses dois fatores que, agindo separada ou simultaneamente, têm provocado o colapso da sociedade tribal. É justamente no propósito de estudar os seus efeitos no sistema social Gavião que tentaremos, nesta parte, traçar o perfil da estrutura social indígena, no intuito de revelar quais as instituições mais afetadas pelo convívio com o branco (9).

Apesar das dificuldades encontradas no campo e em estudos de gabinete, quando se busca a estrutura social dos Gaviões, podemos chegar à conclusão de que antes do contato sua vida social não se diferenciava muito da dos grupos já descritos por Nimuendaju e analisados recentemente por Lévi-Strauss, Maybury-Lewis, William Crocker, Roger Keesing e Terence Turner (10).

Também os Gaviões possuíam metades localizadas e cerimoniais, grupos masculinos, um sistema de nomeação altamente formalizado com funções de atribuição de papéis sociais prefixados aos seus portadores, residência matrilocal, grupos de classes de idade que funcionavam como unidades discretas e organização familiar baseada em famílias extensas. Apesar das modernas revisões do material de Curt Nimuendajú e nosso próprio trabalho de campo apresentar alguns problemas em relação à organização social dos Timbi-

(9) A parte que segue foi extraída do trabalho *Índios e Castanheiros*, trabalho escrito em colaboração com o colega Roque de Barros Laraia e apresentado ao Centro Latino Americano de Pesquisa em Ciências Sociais como parte do projeto *Áreas de Fricção Interétnica*, dirigido pelo prof. Roberto Cardoso de Oliveira.

(10) Ainda que a maioria dos autores citados acima, exceto Nimuendajú, tenha preocupações analíticas que se refletem nos seus trabalhos, nosso interesse agora está voltado para os aspectos mais palpáveis e não controversos da organização social dos Timbira; se bem que iremos apontar algumas relações entre a nomeação, residência e parentesco que foram propostas por Roger Keesing e Terence Turner. Os trabalhos a que estamos nos referindo são os seguintes: Lévi-Strauss, C. — "Les Structures Sociales dans le Brésil Central et Oriental" e "Les Organisations Dualistes Existent-Elles?", ambos republicados em *Anthropologie Structurale*, Plon, Paris, 1958. Maybury-Lewis, D. — "Parallel Descent and the Apinayé Anomaly", in *Southwestern Journal of Anthropology*, vol. 16, n.º 2, 1960. Crocker, W. — "The Canela Since Nimuendaju", in *Anthropological Quarterly*, vol. 34, n.º 2, 1961. Keesing, Roger — "A Formal and Sociological Analysis of Ramkokamekra Kinship System", Harvard Dept. of Social Relations, 1962, m.s. Turner, Terence — "The Northern Caiapó", idem, m.s., 1962.

ra, acreditamos que os aspectos salientados acima sejam suficientes para dar uma idéia dos principais grupos e instituições nas quais o sistema social Gavião está assentado.

O importante, porém, é indicar, ainda que sumariamente, como o sistema parecia funcionar. Numa simples apresentação dos traços mais importantes do sistema social Gavião e Timbira, não precisamos ir além do fato de que estas sociedades se apresentam altamente formalizadas. Isto significa que elas simplificaram de tal modo as ações sociais que ocorrem no seu bôjo, que os seus membros ficam com poucas ou nenhuma alternativa de conduta. A melhor maneira de revelar este aspecto, porém, é tomar uma das instituições da sociedade Gavião e analisá-la, mostrando como a estrutura social limita a quantidade de papéis sociais atribuídos aos seus membros.

A literatura sobre Apinayé e Krahó e trabalhos de campo (11) com ambos os grupos, têm demonstrado que a nomeação nestes grupos não é somente um modo pelo qual a sociedade rotula os seus membros, atribuindo a cada qual uma posição dentro de uma estrutura jurídica, familiar e cerimonial. De fato, além de ter as funções apontadas acima, os nomes funcionam também como um mecanismo de recrutamento para um conjunto de grupos cerimoniais e servem para atribuir aos seus portadores papéis sociais de grande importância. Do ponto de vista estrutural, estamos inclinados a crer que a nomeação exerce influência numa série de outras instituições. Isto porque é através da nomeação que vários indivíduos situados em gerações diferentes, ficam unidos em grupo social e por obrigações de reciprocidade, passando assim a ser companheiros em diversas atividades coletivas.

Os modos de transmissão de nomes entre os Apinayé, Canela, Krahó e Gaviões, possuem a mesma estrutura. Os tios maternos (Im) dão seus nomes aos sobrinhos (Fi) e as tias paternas (iP) dão seus nomes às sobrinhas (fi). Entretanto, na falta de um tio ou uma tia, os avós paternos e maternos transmitem igualmente seus nomes aos netos (FF' e ff). Parece, pois, muito claro que esta instituição vai influenciar a terminologia de parentesco e se constituir numa categoria fundamental para o entendimento da estrutura que coman-

(11) Os dados sobre apinayé que utilizamos foram os que colhemos em 1962 entre esses índios. O mesmo ocorre com os dados Krahó, colocados à nossa disposição pelo colega Júlio César Melatti, que iniciou uma pesquisa em 1962 com esses Timbira. O material sobre Canela é do livro de Nimuendajú já citado.

da as relações inter e intrafamiliares. Se os nomes são passados de tio a sobrinho ou de avô a neto, eles ligam os homens situados em gerações diferentes dois a dois, criando com isso um mecanismo de agrupamento de pessoas que ficam separadas por outras instituições, como as classes de idade e os matrimônios (12).

A análise sumária desenvolvida acima, entretanto, só teve por escopo revelar que nos sistemas sociais Timbira em geral, e Gavião em particular, o ritual que situa um homem e uma mulher dentro da sociedade também lhe fornece o status de membro de algumas sociedades corporadas ou não, papéis cerimoniais rigidamente definidos e a inserção em grupos sociais mais inclusivos, como as metades exogâmicas ou agâmicas (13). São estes mecanismos — dos quais a nomeação surge como o mais significativo — que permitem que a vida social destes grupos se desenrole com um mínimo de conflitos, mas, em contrapartida, com um mínimo de possibilidades de mudança. Por isso mesmo os sistemas sociais Timbira parecem ter pouca flexibilidade e resistência aos efeitos do contato intercultural, especialmente se a sociedade não tem meios ou tempo de procurar desenvolver mecanismos compensadores da mudança.

Entre os Gaviões, o que ocorreu após a pacificação, foi que não tiveram nem uma nem outra alternativa nem meios, nem tempo. A sociedade, logo após o primeiro contato pacífico com os núcleos regionais, teve uma redução populacional de tal ordem (70%), que o antigo sistema social fragmentou-se. Hoje, embora se possa surpreender neste grupo algumas instituições e grupos descritos com referência aos outros Timbira, o pesquisador tem de se contentar com indicações de dois ou três informantes, quando falam de “como era antes” a sua sociedade. Atualmente, os grupos cerimoniais e as sociedades masculinas, bem como as metades, só têm existência na consciência dos membros mais velhos da tribo e não são lembrados sem alguma resistência. É que recordar a sua sociedade de antes do contato significa, também para o índio Gavião, um doloroso processo de recons-

(12) Lembramos ao leitor que os matrimônios são matrilocais entre os Timbira. Deste modo, os homens que residem numa mesma casa, ficam — após o casamento — em casas diferentes.

(13) Embora Nimuendajú aponte metades exogâmicas para os Canela, nossos dados colhidos entre os Gaviões e Apinayé e aqueles relativos aos Krahô levam-nos a colocar de quarentena esta afirmação, até que análises futuras possam esclarecer melhor o quadro do sistema social Timbira.

trução das etapas imediatamente anteriores ao encontro com o branco quando uma luta interna dentro do grupo tribal provocou muitas mortes e a penúria.

Embora a sociedade Gavião tivesse perdido alguns grupos e instituições sociais com o contato, o sistema de parentesco bem como as relações marcadas pela reciprocidade inerentes ao sistema Timbira, por exemplo, ainda funcionam no esforço de manutenção de uma estreita correlação com o que foram anteriormente.

O sistema de parentesco Timbira em geral e Gavião em particular se caracteriza pela não obediência ao “princípio de geração”. Isto significa que pessoas situadas em diferentes gerações são circunscritas a uma mesma categoria de parentesco. Este traço pode ser apontado como uma resultante da operação de alguns fatores de ordem sociológica, capazes de provocar uma identificação social e formal entre pessoas distanciadas pela idade e atividades que desempenham. Por exemplo: KETI = PP, Pm, Im, MiP; INTXUM = P, FiP; KATURE = mm, mP, fiP. O estudo dos Timbira tem revelado que pelo menos duas instituições devem conduzir a esta quebra do princípio de geração. Uma delas é uma consequência da organização dual que aparece nestes grupos, quando toda a comunidade fica dividida em dois grupos sociais que se completam e possuem pesos sociais idênticos. Sendo estas metades herdadas com a nomeação, cuja transmissão e implicações para o sistema social já descrevemos linhas atrás, é evidente que pessoas situadas em gerações diferentes ficam agrupadas numa mesma metade para certos fins sociais. Isto leva, então, a uma substituição da terminologia usada nas relações intrafamiliares, por uma outra de natureza diversa, onde as categorias que lhe fornecem uma base são ditadas pelos grupos sociais mais inclusivos do que a família extensa e nuclear. A outra é a residência matrilocal que agrupa casais ligados por consanguineidade (através do cônjuge feminino) e seus filhos debaixo da liderança de uma família nuclear mais antiga, herdeira ou dona da casa. A instituição do grupo residencial parece importante para o entendimento da sociedade Gavião e Timbira, pois ele se constitui na unidade básica de cooperação econômica da sociedade, ainda que — como chama atenção Nimuendajú — não seja a unidade fundamental de produção que é a família nuclear. A residência, passando de mães a filhas, parece ser o foco de um outro grupo social, com algumas características unilineares, embora não tenha mani-

festação formal e corporada em tôdas as ocasiões, como acontece com os grupos de nomes transmitidos pelos homens <sup>(14)</sup>.

A importância da dissertação acima torna-se evidente quando se nota que, entre os Gaviões, são estas as instituições (nomação, residência e parentesco) que ainda regulam as relações intergrupais, embora dia a dia se esvaziem de conteúdo. Realmente, quando chegamos em 1961 na aldeia do Cocal, vimos que ao menos a topografia da aldeia se apresentava segundo a tradição: as casas estavam dispostas em círculos e cada uma era residência de famílias nucleares aparentadas por linhas traçadas diretamente de uma mulher herdeira ou dona da casa. Outro aspecto que também saltava à vista era a prestação de serviços entre os membros deste pequeno grupo, segundo as linhas do parentesco: Irmão da mãe para o Filho da irmã ou filha da irmã, e vice-versa. Não houve uma só caçada, ou colheita em que alguém não recebesse algum presente pelo fato de ser "amigo" ou estar ligado ao caçador por determinadas categorias de parentesco. Embora a prestação de serviços só pudesse se realizar na esfera econômica, os Gaviões ainda não perderam totalmente o sistema de valores que sustentam a circulação de bens e a divisão de trabalho dentro da sua sociedade. Assim, o modo pelo qual o índio Gavião encara o mundo e a sua própria sociedade ainda é segundo aquele curioso dualismo onde cada parte é pensada sempre com relação à outra.

O problema da prestação de serviços entre certas pessoas ligadas por laços formais de amizade ou por parentesco, é fundamental para que se traga luz sobre uma característica do sistema econômico e a estrutura de poder da sociedade Gavião. É que a reciprocidade e a formalização faz com que os Gaviões pensem em termos coletivos na utilização dos recursos econômicos que estão à sua disposição. Assim, quando um homem realiza uma caçada, ele sempre distribui parte do animal com os seus parentes, pois sabe que tratando bem a sua parentela e distribuindo com ela as suas "riquezas", nada mais faz do que retribuir a sua cooperação tanto no cotidiano quanto nos momentos críticos de sua existência. Isto é mais expressivo, quando se observa que os choros fúnebres dos Gaviões não procuram individualizar o mor-

(14) É evidente que estas considerações exigiriam uma demonstração onde cada uma destas instituições fosse apresentada explicando os aspectos estruturais da terminologia de parentesco. Deixamos de realizar esta demonstração por acreditarmos que é suficiente para os propósitos desta comunicação apenas indicar que a residência e a nomação são instituições fundamentais para o entendimento do sistema social Timbira, e Gavião.

to e conseqüentemente as dores dos seus parentes. Quando morre um parente, dizia Krokrenum, "a gente chora porque fica sozinho e perde uma pessoa para brigar e tomar conta da gente".

Sabedores que somos de que o sistema de parentesco e as outras relações de ordem formal que se estabelecem entre membros de um grupo social são também modos de regular a autoridade e a utilização de determinados recursos econômicos, vamos examinar como isso ocorre no sistema social Gavião.

Antes do contato com a sociedade nacional, a organização econômica dos Gaviões não conhecia certas formas de prestação de serviço e de distribuição de poder. O que ia garantir a posse de determinadas áreas de terra era a utilização que dela se fazia. A terra era propriedade das famílias nucleares, enquanto fôsse trabalhada por seus membros e por eles cultivada. Uma vez que fôsse abandonada, poderia ser apropriada por qualquer outra família do grupo sem provocar disputas. Por outro lado, o próprio sistema de parentesco, através da troca de bens e serviços que lhe é inerente, servia como um mecanismo inibidor da acumulação de bens por certos indivíduos portadores de *status* importantes, ou mesmo daqueles capazes de produzir excedentes por uma excepcional dedicação ao trabalho. Este aspecto fica muito claro, quando se analisa o papel de médico-feiticeiro ou curador (*Wai*). O *wai*, pela manipulação exclusiva dos poderes sobrenaturais, poderia ser um indivíduo privilegiado dentro da sociedade Gavião. Não seria difícil, para a classe de homens com esses poderes, formar uma associação fechada e, naturalmente, abarcar também o poder político, ou mesmo apropriar-se do trabalho alheio. Entretanto, tal não acontece: os pagamentos feitos aos curadores, em formas de arcos, flechas, parte de colheitas, cabaças, etc., eram imediatamente distribuídos por sua parentela, recebendo cada membro do seu grupo de parentesco parte do pagamento. Isto era tão claro entre os Gaviões, que os informantes quando falavam do *wai*, sempre associavam a sua figura com o seguinte comentário: "quando o *wai* era nosso parente, e ia fazer alguma cura numa outra aldeia, a gente ia com ele para ganhar presentes".

Se isto ocorria com o *wai*, acontecia também com o chefe do grupo local. Também ele manipulava o poder político e, evidentemente, dispunha da força de trabalho da tribo para alguns serviços como mostraremos adiante. Sua paren-



tela, porém, impedia que pudesse desfrutar livre e exclusivamente os benefícios de sua posição. É nesta mesma perspectiva que podemos enquadrar a instituição da amizade formalizada, que surge nitidamente como um mecanismo destinado ao amparo dos membros da tribo em situações de abandono pela orfandade, além de ser uma instituição destinada a aumentar a solidariedade do grupo local, unindo dois indivíduos. O caso dos Gaviões, porém, revelava bem o primeiro aspecto desta relação. Não foram poucas as vezes que vimos mulheres dando alimentos a sua "amiga", no intuito de ajudá-la na sua alimentação.

Vários fatores têm afetado o rompimento deste sistema. Acreditamos, entretanto, que as relações de troca estabelecidas com os brasileiros possam explicá-lo.

Logo que os Gaviões voltaram para a região das nascentes do rio Praia Alta, após terem residido por três meses em Itupiranga e passado o perigo a que expunham os colonizadores dessas matas, uma grande área de terra começou a ser explorada por alguns brasileiros, empregados por um fazendeiro-comerciante de Marabá. Próximo à aldeia, então, formou-se o clássico "barracão" e os regionais abriram caminhos que pudessem estabelecer comunicação com Itupiranga-Marabá e servissem de escoamento para os produtos por eles produzidos. Foram estes regionais que levaram os índios a desempenhar um novo papel dentro da sociedade nacional: o de mão de obra real e potencial.

A entrada violenta dos Gaviões num sistema monetário (15), logo após a sua pacificação, responde pela descaracterização de certas instituições tradicionais. Com as relações de troca feitas com os regionais — tendo por base a moeda — deu-se o primeiro abalo no sistema tradicional de prestação de serviços. Deste modo, com uma redução demográfica que impedia a produção de excedentes econômicos que pudessem ser colocados nos mercados regionais e com as solicitações da sociedade brasileira, o índio Gavião só teve um caminho a seguir: romper com a estrutura tradicional fundada na reciprocidade e procurar acumular bens o mais que podia. Hoje a vida dos Gaviões pode ser resumida como sendo uma atividade e um esforço constante para produzir excedentes econômicos a fim de que possam acumular uns poucos cruzeiros, destinados à compra de objetos que servem

(15) Os Gaviões entraram diretamente num sistema monetário em virtude da estrutura econômica regional, onde não existem trocas *in natura*.

aos Gaviões como definidoras de condição de branco, isto é: escovas de dente, sabonete, toalhas, calças, perfumes, carteiras, etc...

Apesar dos Gaviões estarem numa situação crítica, entre a sua sobrevivência física na sociedade nacional e a destruição da sua própria sociedade, o centro dos seus devaneios é a safra da castanha, projetada em detalhes todos os anos e nas conversas ao pé do fogo. É esta atividade que constitui o núcleo dos conflitos entre índios e nacionais e também o meio que poderia abrir aos índios dias melhores.

Antigamente, a castanha era propriedade coletiva da tribo. Hoje, porém, cada índio tem o seu "ponto" de castanha devidamente demarcado e explora os seus castanhais independentemente de seus companheiros, apesar de também saberem que a venda do produto explorado nos mercados regionais, não será algo realizável sem conflitos com os regionais. Ainda que alguns parentes forneçam a outros mercadorias e mesmo dinheiro, o certo é que quando se trata de castanha, a organização da produção observável entre os índios, é uma imitação daquela que existe nos barracões brasileiros. Assim, em relação aos objetivos e técnicas de coleta, encontra-se a mesma atividade tanto nos barracões montados pelos Gaviões, quanto naqueles construídos e ocupados pelos regionais. O desejo de produzir o maior número de hectolitros, provocou a desfiguração de certos papéis sociais entre os Gaviões com o objetivo de propiciar aos seus detentores, uma ampliação de sua capacidade de utilizar determinados recursos. Assim, o "Capitão", seu irmão e seu sobrinho (Filho da irmã) possuem cada qual dois "pontos" de castanha, enquanto que os outros da tribo só possuem um. Não obstante isso, o "Capitão" ainda utiliza a força de trabalho dos rapazes solteiros do grupo, alguns seus parentes, que tradicionalmente executavam caçadas e serviços públicos na aldeia. A racionalização empregada pelo líder é a de que o negócio da castanha nada tem a ver com "as coisas de cabo-co", é "negócio de kupen" (brasileiro).

A circunscrição dos castanhais situados em volta da aldeia como propriedade privada levou automaticamente a tensões inter e intra grupais, que jamais haviam ocorrido anteriormente na vida da tribo. O mais característico destas tensões interétnicas, é a associação de índios com regionais a fim de trabalharem juntos colhendo castanha. Isto, como se pode supor, tem ocorrido justamente por uma maior atomização da produção dentro da tribo, uma vez que esta ati-



vidade está agora regida pela propriedade privada. Esta associação com regionais, porém, não tem trazido nenhuma vantagem para os índios. A experiência tem mostrado que na maioria das vezes são enganados, já que não sabem como vender o produto e nem conhecem os preços que vigoram no mercado regional. Foi usando expediente semelhante, que um comerciante de Itupiranga entrou em contato com os índios. Sua proposta foi de que os Gaviões produzam castanha para ele. Como compensação, os índios fariam "aviamentos" em sua loja. Isto foi realizado com o apoio do funcionário do S.P.I. e o resultado foi tão desfavorável ao grupo tribal, que os índios se deram conta de que foram enganados, e até hoje lembram disso. Acreditamos que esta tentativa de colocar o índio como mão de obra só não surtiu efeito porque na safra seguinte (1960), o proprietário das terras onde habitam os Gaviões exigiu que a castanha só fosse vendida para ele, anulando assim as possibilidades de lucro do comerciante de Itupiranga e tentando reduzir os Gaviões a empregados seus. Por outro lado, a reação dos Gaviões reclamando sempre preços altos, exigindo brindes e ameaçando verbalmente os compradores em ambas as safras, fez com que os dois comerciantes procurassem evitar negócios com os índios.

O contato sistemático com a sociedade nacional, porém, não fez com que os Gaviões se transformassem somente em mão de obra potencial na produção de castanha. Na realidade, este contato revelou aos índios novos aspectos dos objetos por eles confeccionados. A descoberta do valor de troca de alguns de seus produtos, abriu então, dentro do grupo, as possibilidades de comerciá-los com os regionais, em detrimento das relações sociais baseadas na reciprocidade e do seu próprio bem-estar. Hoje, os Gaviões vendem de tudo. Desde o mel que colhem esporadicamente nas matas, e é logo engarrafado para ser vendido em Itupiranga, até arcos e flechas, couros de animais e farinha de mandioca que aprenderam a fazer com os brasileiros e que constitui a base de sua alimentação. Assim, é comum ver-se na aldeia índios comprando farinha, arroz, feijão e outras mercadorias de seus patrícios, substituindo a prestação de serviços por uma simples operação monetária. Chega-se ao absurdo de encontrar-se índios com algum dinheiro, mas passando fome na aldeia, pois toda a sua atividade produtiva está orientada para o mercado regional (Itupiranga) e seu objetivo é comprar certos objetos que possam fazer com que se pareçam aos brasileiros.

A mudança provocada no sistema social Gavião pelas trocas em dinheiro teve conseqüências bastante negativas. Quando o índio estabelece relações monetárias com os membros da tribo, ele se exime automaticamente da prestação de serviços baseada na reciprocidade, além de ter a oportunidade de estabelecer relações com pessoas situadas em categorias cuja comunicação lhe era vedada antes do contato. Por outro lado, todas as suas energias são empregadas na produção de certas mercadorias, que muitas vezes não têm valor para o Gavião. Agora, em vez de dedicar-se à caça, coleta, ou à confecção de certos objetos essenciais para a sua vida, o índio Gavião vai à floresta em busca de castanhas, ou outras riquezas florestais, cujo valor não é medido mais em termos da sua sociedade, mas em termos da sociedade regional.

As tentativas de adoção da ideologia que comanda as relações de trabalho na sociedade regional, provocou igualmente entre os Gaviões a distinção entre os membros do grupo tribal. Assim, as diferenças entre trabalhadores e preguiçosos começa a emergir dentro da comunidade indígena, gerando conflitos e inimizades. Por outro lado, a necessidade de ganhar dinheiro e de conquistar possíveis compradores de seus produtos, coloca os índios numa situação de vendedores servis, que ouvem sem a menor reação os maiores absurdos e provocações dos habitantes da cidade. Estes dois fatos aceleram a distância entre o índio e o corpo de valores em que se assenta sua própria sociedade, provocando nele o desprezo por tudo que se relaciona à sua antiga vida. É assim que podemos explicar a conduta de Kaututire tentando produzir bens de consumo para serem vendidos em Itupiranga e acusando os seus patrícios de serem "preguiçosos". É que Kaututire constitui um caso raro de um índio que não tem parentes no grupo local. Morando na casa de sua mulher e à mercê de seus afins, este índio não tem maiores raízes que o prendam ao grupo tribal. Por isso é aquele que mais tem sido vítima das influências regionais e o que mais tenciona ganhar dinheiro a fim de tornar-se "civilizado". Por apresentar estas características, Kaututire é considerado pelo grupo como um companheiro relapso que não dá atenção para as coisas tradicionais. Entretanto, para os regionais, Doidão (esse é seu nome para eles) é um ótimo índio. No dizer de um deles: "tem muito jeito para negócios e é muito trabalhador".

Esta opinião, tomada como uma faceta da ideologia das populações regionais, constitui o centro de uma visão do ín-

dio, quando êle deixa de ser o selvagem arredio e se integra na estrutura econômica regional. É um novo rótulo aplicado ao índio, segundo a sua capacidade de ajustamento às condições que lhe são impostas pela sociedade brasileira. Se logo êles se apresentam no mercado como força de trabalho a ser explorado pelos empresários da área e agentes do governo, então passam a ser o paradigma do tipo que acabamos de descrever acima. Entretanto, se o índio se recusa a trabalhar para os regionais e fica envolto na apatia e revolta — é então acusado de preguiçoso e traçoeiro. Este é o caso de Aprororenum, temido na área como o mais traçoeiro dos Gaviões, embora seja apenas uma personalidade que tem sido sensível ao contato. Até hoje quando os regionais falam de Zanoio (seu nome em Itupiranga), lembram como êle matou um porco que pertencia a brasileiros e contam como êle pode ficar “zangado” por ninharias. Nenhum dos regionais é capaz de entender os condicionamentos que tem sofrido a consciência de Zanoio, doente, abandonado e testemunho vivo da desintegração de sua própria sociedade.

É nestas personalidades que se assenta o sucesso ou o fracasso dos brasileiros quando tratam de convencer os Gaviões a trabalharem como castanheiros ou fornecedores de produtos florestais. Após algumas experiências com êste grupo, os brasileiros sabem que o Capitão tem muito pouco a oferecer como um elemento que os poderia ajudar a dominar mais facilmente os Gaviões. Os conflitos entre êles e os Gaviões já lhes ensinaram que os índios gozam de uma liberdade dentro do seu próprio grupo, que não pode ser comparada com a dos regionais debaixo do líder político ou do patrão. Assim, êles tiveram de apelar para a conquista dos índios em termos pessoais (16).

A disputa dos Gaviões como mão de obra e como aliados, atinge os índios violentamente. Dêste modo, o contato dos índios com determinadas pessoas, é sempre uma oportunidade para que alguns brasileiros sejam depreciados e outros elogiados. Isto parece ter suas raízes na estrutura político-econômica regional, onde impera uma orientação para o enriquecimento rápido e onde não se poupa o uso da fraude como mecanismo de obtenção de prestígio. A disputa dos Ga-

(16) Estamos alertados para o fato de que a chefia entre os Gaviões esboroou-se com o contato e a depopulação. Se não fazemos uma análise desta instituição em separado é porque ela hoje quase nada representa para os índios.

viões ou de suas terras, então, pode ser encarada sob dois aspectos. Num dêles o índio é visto como produtor real ou potencial de bens de consumo. Aqui, o centro da conquista do Gavião é o fato de poderem vender, a preços consideravelmente mais baixos, alguns produtos que possuem valor no mercado local e no interior das matas. O segundo aspecto é o do índio como um profundo conhecedor da região e capaz, assim, de descobrir e explorar melhor as riquezas que por acaso a floresta possa oferecer. A esta segunda visão, soma-se o fato — fundamental para os regionais — de que os Gaviões são perigosos, podendo a qualquer momento praticar assassinatos.

Dentro das várias influências a que os Gaviões estão submetidos, os dois aspectos salientados acima atuam em grau variável. Para os homens do Barracão, por exemplo, interessados na exploração e transformação das matas vizinhas à aldeia, o problema é manter os índios como aliados ou como elementos incapazes de impedir a sua ação devastadora na região. Desejosos de transformar parte daquela mata numa pequena fazenda agro-pastoril, os homens do Barracão movem todos os meios a seu alcance na conquista do índio. Já os habitantes da cidade, quer estejam ou não ligados aos Gaviões por laços legais — como é o caso do funcionário do S.P.I. — procuram conquistar a amizade dos índios a fim de lhes comprar carne de caça, couros, cipós de vime, ou castanha. Evidentemente, êstes objetivos entram em choque com os do funcionário do S.P.I., obrigado a exercer uma ação fiscalizadora das atividades comerciais dos Gaviões. Assim, o funcionário do S.P.I. é o homem que serve de ligação entre os índios e os comerciantes do local, conseguindo aviamentos para os Gaviões e lucros para as lojas de Itupiranga. Por mais que essa proteção seja útil aos regionais e desfavorável para os índios, ela é o núcleo de outro tipo de conflito, agora entre o funcionário do Serviço de Proteção aos Índios e o proprietário dos territórios indígenas e comerciantes, desejosos de negociarem livremente com os índios para explorá-los melhor. A resultante destas rixas é que o funcionário passa a ser constantemente denunciado à Inspeção Regional e acusado abertamente na cidade de roubar os produtos que os Gaviões vendem na cidade sob a sua supervisão. Todo êsse choque de interesses, colocados em termos pessoais pelos regionais, é um dos principais motivos pelos quais uma assistência aos Gaviões da forma como vem sendo dada, torna-se cada vez mais inoperante.

### A Manipulação dos Atributos

O fato dos Gaviões terem consciência de que é mais importante para os brasileiros neutralizarem suas ações agressivas de guerreiros e, mais ainda, por estarem sendo constantemente disputados como "coisas", faz com que algo curioso ocorra na conduta dos índios em relação aos regionais: os Gaviões utilizam a seu favor os esteriótipos que contra eles vigoram secularmente, obtendo com isso um certo grau de autonomia e de afastamento dos nacionais em relação a determinadas atividades.

Como temos salientado desde o início desta comunicação, chamam a atenção dentro da constelação de esteriótipos que definem o índio Gavião aqueles destinados a ampliar, ressaltar e apresentar os membros destes grupos como ferozes e assassinos. No início da ocupação do Tocantins, os esteriótipos possuíam, é certo, uma utilidade providencial para as frentes pioneiras. Entretanto, com os Gaviões praticamente neutralizados como obstáculos à penetração, os esteriótipos perderam em parte o seu sentido funcional, isto é deixaram de representar racionalizações para a formação de expedições punitivas. Acontece, porém, que estas representações do índio não desapareceram, continuam a alimentar a consciência dos regionais. Assim, os brasileiros até hoje temem os Gaviões como assassinos e traiçoeiros, entrando em suas aldeias e redutos tradicionais com medo de um mal-entendido com eles.

Um dos resultados desta visão do índio como selvagem e arredio foi a descoberta pelos Gaviões de que os brasileiros tinham medo de desagradá-los e de provocar o seu descontentamento, especialmente nas matas. Dêste modo, o caminho que os Gaviões têm seguido desde então foi o de explorar o mais possível esta característica a eles atribuída pelos regionais e por meio dela conseguir alguns favores.

É o medo que os regionais têm dos índios o responsável pela moradia destes numa terra que legalmente não mais pertence à tribo. Por outro lado, é a exploração que os Gaviões fazem desta condição de ferozes e traiçoeiros, que lhes permite escarnecer dos regionais, tomar seus objetos e os agredir quando de sua passagem pela aldeia. Assim, os esteriótipos contra o índio possuem um duplo sentido, e podem ser utilizados pelos próprios Gaviões, a fim de darem vasão à agres-

sividade que reprimem e também para manter uma certa distância entre o grupo tribal e os brancos. O uso que os Gaviões fazem destes atributos fica patente na medida em que se verifica que os índios possuem uma consciência nítida do medo que conseguem despertar nos regionais. Foi dando uma demonstração do que expusemos acima, que o grupo indígena forjou a expressão "fazer brabo", ou "fazer caboco brabo", designando com ela as atitudes que tomam deliberadamente no intuito de amedrontar os eventuais trabalhadores de castanha ou caçadores que tenham esquecido as histórias contadas na região com relação aos seus ataques. Foi graças a esta curiosa manipulação dos esteriótipos criados para qualificá-los que os Gaviões fizeram uma viagem a Jacundá em 1961 e ali procuraram vários castanhais, conseguindo expulsar alguns brasileiros que nêles se haviam instalado. Foi pelo uso da mesma técnica, que eles evitaram, em 1961, que fosse demarcada toda a área da aldeia, impedindo, assim, que o dono das terras pudesse questionar imediatamente a sua reivindicação.

Como se pode supor, o uso destes meios aumenta, ao invés de reduzir, a tensão interétnica já existente entre os Gaviões e regionais. Se os Gaviões quando estão na aldeia ou na mata podem realmente utilizar este recurso, na cidade como contrapartida, ficam impotentes e sujeitos a uma revanche por parte dos regionais. Por essas razões eles sempre dizem que não gostam de viajar para Itupiranga, preferindo Jacundá onde, apesar do maior número de conflitos, o temor que a comunidade brasileira manifesta em relação a eles é bem mais acentuado. Em Itupiranga, porém, onde os Gaviões são conhecidos como índios que nada possuem e que nada são capazes de fazer, o único recurso é implorar a caridade pública. Com isto, revelamos um terceiro aspecto desta manipulação dos esteriótipos por parte dos Gaviões. É que eles parecem usar as categorias que lhes são atribuídas pelos regionais de modo seletivo, excluindo aquelas totalmente negativas (preguiçoso, sujo, covarde, etc.) e fazendo valer somente as que podem mascarar a sua situação de quase mendigo dentro da estrutura sócio-econômica regional.

Este aspecto do contato entre índios e brancos no médio Tocantins, oferece um tema a ser investigado noutras regiões onde ocorre a fricção interétnica. É que nêle se verifica um processo diverso do que parece ocorrer em algumas áreas do Brasil, onde as representações étnicas (ou "raciais") elaboradas pelo branco, não tendem a ser utilizadas contra



a sociedade nacional. Entre os Gaviões, vimos que ao lado de uma quebra irreparável do sistema social aborígene, os brancos também fornecem — à custa de sua própria ingenuidade — os meios pelos quais a população indígena pode ampliar o seu campo de reivindicações, prolongando mais um pouco a sua capitulação diante da sociedade envolvente.